

KARL OVE KNAUSGÅRD

Uma temporada no escuro

Minha luta 4

Tradução do norueguês
Guilherme da Silva Braga



Copyright © 2010 by Karl Ove Knausgård e Forlaget Oktober A/S, Oslo
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Min Kamp 4

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Imagem de capa

Mario Simnch

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Huendel Viana

Luciane Gomide Varela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Knausgård, Karl Ove

Uma temporada no escuro : minha luta 4 / Karl Ove
Knausgård ; tradução do norueguês Guilherme da Silva
Braga. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,
2016.

Título original : Min Kamp 4

ISBN 978-85-359-2747-4

1. Literatura norueguesa 2. Romance autobiográfico

I. Título.

16-03739

CDD-839.823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norueguesa 839.823

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

PARTE 5

Minhas duas malas vieram lentamente pela esteira na área de desembarque. Eram malas antigas, do fim da década de 1960, eu as tinha encontrado em meio às coisas da minha mãe quando estávamos preparando a mudança, um dia antes que o caminhão chegasse, e me apropriei delas no mesmo instante porque se adequavam a mim e ao meu estilo, a tudo de não muito contemporâneo e não muito aerodinâmico que eu buscava.

Apaguei o cigarro no cinzeiro vertical junto à parede, tirei as malas da esteira e levei-as para fora.

Eram cinco para as sete.

Acendi outro cigarro. Não havia pressa nenhuma, eu não tinha nenhum compromisso, ninguém para encontrar.

O céu estava encoberto, mas assim mesmo o dia estava claro e seco. A paisagem sugeria uma montanha, mesmo que o aeroporto às minhas costas estivesse a poucos metros do mar. As poucas árvores que eu via eram baixas e retorcidas. Os picos das montanhas no horizonte estavam brancos de neve.

Um pouco à minha frente o ônibus do aeroporto se enchia depressa. Será que eu devia pegá-lo?

O dinheiro que o meu pai tinha me emprestado tão a contragosto para a viagem precisava durar até que eu recebesse o meu primeiro salário, dentro de um mês. Por outro lado, eu não sabia onde ficava o albergue da juventude, e sair numa busca dessas em uma cidade desconhecida com duas malas e uma mochila nas costas não seria um bom começo para a nova vida que eu planejava.

Não, seria melhor pegar um táxi.

A não ser por um curto passeio até uma lanchonete próxima, onde jantei duas salsichas que repousavam em um prato com purê de batata, passei a noite inteira no albergue da juventude, deitado na cama com o edredom nas costas e ouvindo música no walkman enquanto escrevia cartas para Hilde, Eirik e Lars. Também comecei uma carta para Line, que tinha sido minha namorada naquele verão, mas deixei-a de lado assim que terminei a primeira página, tirei a roupa e apaguei a luz, embora não fizesse muita diferença, porque a noite de verão era clara e a cortina laranja brilhava como um olho no meu quarto.

Em geral eu dormia bem independente das condições, mas aquela noite eu passei em claro. Faltavam cinco dias para o meu primeiro dia de trabalho. Em apenas cinco dias eu entraria na sala de uma escola em um pequeno vilarejo litorâneo no norte da Noruega, um lugar onde eu nunca tinha estado e a respeito do qual eu nada sabia, nem mesmo através de fotos.

Eu!

Um garoto de dezoito anos nascido em Kristiansand que tinha acabado de completar o colegial e acabado de sair de casa, sem nenhuma experiência profissional a não ser por umas tardes e fins de semana passados numa fábrica de parquê, um pouco de jornalismo praticado no jornal local e um recém-terminado mês de trabalho de verão num hospital psiquiátrico, seria a partir de então professor na escola de Håfjord.

Não, eu não conseguia dormir.

O que os alunos pensariam de mim?

Quando eu entrasse na sala para a minha primeira aula e todos estivessem a postos nas carteiras, o que eu ia dizer?

E os outros professores, que diabos pensariam de mim?

Uma porta se abriu no corredor, ouviam-se música e vozes. Alguém saiu cantarolando pelo corredor. Ouvi um grito de “*Hey, shut the door!*”. Pouco depois a porta se fechou e todos os barulhos desapareceram mais uma vez. Me virei para o outro lado. A estranheza de estar deitado em uma noite clara também contribuiu para que eu não conseguisse dormir. E quando a ideia de que eu não conseguia dormir se estabeleceu, tornou-se absolutamente impossível pegar no sono.

Me levantei, vesti de novo as roupas, me sentei na cadeira junto à janela e comecei a ler. *Dødt løp*, de Erling Gjelsvik.

Todos os livros de que eu gostava versavam no fundo sobre a mesma coisa. *Hvite niggere*, de Ingvar Ambjørnsen, *Beatles*, de Lars Saabye Christensen, *Jack*, de Ulf Lundell, *On the Road*, de Jack Kerouac, *Last Exit to Brooklyn*, de Hubert Selby, *Romance com cocaína*, de M. Aguéiev, *Koloss*, de Finn Alnæs, *Lasso rundt fru Luna*, de Agnar Mykle, os três livros de Jens Bjørneboe sobre a história da bestialidade, *Gentlemen*, de Klas Östergren, *Ikaros*, de Axel Jensen, *The Catcher in the Rye*, de J. D. Salinger, *Humlehartene*, de Ola Bauer, *Cartas na rua*, de Charles Bukowski. Eram livros sobre jovens que não se adaptavam à sociedade, que desejavam para suas vidas mais do que uma simples rotina, mais do que uma família, em suma, jovens que desprezavam a burguesia e saíam em busca da liberdade. Eles viajavam, enchiam a cara, liam e sonhavam com um grande amor ou com um grande romance.

Tudo que eles queriam era o que eu também queria.

Tudo que eles sonhavam era o que eu também sonhava.

O grande anseio que eu sempre havia sentido no meu peito se aplacava quando eu lia esses livros, para depois voltar com intensidade dez vezes maior quando eu os deixava de lado. Assim tinha sido durante todo o colegial. Eu detestava todo tipo de autoridade e me opunha a toda a maldita sociedade em que eu havia me criado, cheia como era de valores burgueses e perspectivas materialistas. Eu desprezava as coisas que tinha aprendido no colegial, mesmo aquelas relacionadas à literatura; tudo que eu precisava saber, todo o conhecimento verdadeiro, o único realmente necessário, se encontrava nos livros que eu lia e nas músicas que eu escutava. Eu não tinha o menor interesse em dinheiro ou em status, porque sabia que o valor da vida estava em outro lugar. Eu não queria estudar, não queria me formar em uma instituição convencional como a universidade, eu queria viajar para o sul da Europa,

dormir nas praias, em hotéis baratos, na casa dos amigos que eu fizesse pelo caminho. Fazer bicos para sobreviver, lavar pratos em um hotel, carregar ou descarregar navios, colher maçãs... Naquela primavera eu tinha comprado um livro com listas de todos os trabalhos possíveis e imagináveis que se podia conseguir em diferentes países europeus. Mas tudo desaguaria em um romance. Eu queria escrever num vilarejo espanhol, ir a Pamplona correr dos touros, descer até a Grécia e escrever nas ilhas para depois voltar à Noruega com um romance pronto na mochila depois de um ou dois anos.

Esse era o plano. Foi por isso que não entrei para o serviço militar ao fim do colegial, como muitos dos meus colegas, nem me matriculei na universidade, como os outros haviam feito, mas em vez disso fui ao escritório de empregos em Kristiansand e pedi uma lista com todas as vagas abertas de professor no norte da Noruega.

— Ouvi dizer que você vai ser *professor*, Karl Ove — diziam as pessoas que eu encontrava no final do verão.

— Não — eu respondia. — Vou ser escritor. Mas no meio-tempo eu preciso me sustentar. Vou trabalhar no norte por um ano, guardar dinheiro e depois viajar pelo sul da Europa.

Essa já não era mais uma simples ideia, mas a realidade em que eu me encontrava: no dia seguinte eu iria até o porto de Tromsø, pegaria o barco expresso para Finnsnes e de lá um ônibus um pouco mais para o sul, até o pequeno vilarejo de Håfjord, onde o zelador da escola estaria me esperando.

Não, eu não conseguia dormir.

Peguei a meia garrafa de uísque que eu tinha na mala, peguei um copo no banheiro, me servi, abri a cortina e tomei o primeiro gole arrepiante enquanto olhava para os prédios sob a estranha iluminação no lado de fora.

Quando acordei às dez horas na manhã seguinte minha ansiedade havia passado. Arrumei as malas, chamei um táxi na recepção e saí com as malas para fumar enquanto esperava. Era a primeira vez na minha vida que eu viajava para um lugar sem precisar voltar depois. Já não havia mais volta a partir daquele momento. Minha mãe tinha vendido a nossa casa e se mudado para Førde. Meu pai estava morando com a nova esposa ainda mais ao norte do país. Yngve morava em Bergen. E eu estava a caminho do primeiro aparta-

mento só meu. Lá eu teria o meu trabalho e ganharia o meu próprio dinheiro. Pela primeira vez na vida era eu quem decidia sobre todos os elementos que compunham a minha vida.

E, caralho, era uma sensação maravilhosa!

O táxi subiu a encosta, eu joguei meu cigarro no chão, pisoteei-o e depois coloquei minha bagagem no porta-malas, que o taxista, um senhor corpulento que tinha cabelos brancos e uma corrente de ouro no pescoço, tinha aberto para mim.

— Para o cais — eu disse, me acomodando no assento de trás.

— O cais é grande — ele disse, virando-se para mim.

— Eu quero ir para Finnsnes com o barco expresso.

— Muito bem, então.

O taxista pôs o carro em marcha.

— Você vai fazer o colegial por lá?

— Não — respondi. — Vou seguir viagem até Håfjord.

— Ah, é? Vai pescar, então? Você não tem jeito de pescador!

— Na verdade eu vou trabalhar como professor.

— Ah, claro. Claro. Muitos sulistas fazem a mesma coisa. Mas você não é jovem demais? A idade mínima é dezoito anos, não?

Ele riu e me olhou pelo espelho.

Eu também ri um pouco.

— Eu terminei o colegial no verão. Me parece melhor do que nada.

— É verdade — o taxista respondeu. — Mas pense nos jovens que moram por lá. Sempre professores recém-formados. Um novo a cada ano. Não chega a ser nenhuma surpresa que tantos virem pescadores quando terminam a escola!

— Não — eu disse. — Mas isso não é minha culpa.

— Não, não, de jeito nenhum! Ninguém está falando em culpa! Pescar é uma ocupação bem mais interessante do que estudar, sabe? Do que simplesmente ficar lendo até completar trinta anos...

— Sei. Eu não vou estudar.

— Mas você vai ser professor!

Ele me olhou pelo espelho mais uma vez.

— É — concordei.

Por alguns minutos fez-se silêncio. Então o taxista tirou a mão do câmbio e apontou para fora.

— É de lá que parte o barco expresso.

Ele parou em frente ao terminal, deixou minha bagagem no chão e fechou o porta-malas. Eu entreguei o dinheiro sem saber direito como funcionavam as gorjetas e tinha passado o trajeto inteiro preocupado com isso, mas resolvi o problema dizendo que ele podia ficar com o troco.

— Muito obrigado! — o taxista agradeceu. — E boa sorte!

Eram cinquenta coroas.

Quando o táxi se afastou eu contei meu dinheiro, ainda de pé.

A situação não era muito boa, mas com certeza eu poderia pedir um adiantamento assim que chegasse, afinal todos entenderiam que eu não tinha como ter dinheiro *antes* de começar a trabalhar.

Com uma única rua principal e várias construções de alvenaria provavelmente erguidas às pressas, arredores humildes e cordilheiras de montanhas ao longe, me ocorreu que Finnsnes parecia uma pequena cidade no Alasca ou no Canadá quando horas mais tarde eu aguardava a partida do ônibus, sentado numa confeitaria com uma caneca de café em cima da mesa. Não havia como falar em centro; a cidade era tão pequena que tudo contava como centro. A atmosfera não era a mesma das outras cidades às quais eu estava acostumado, em parte porque Finnsnes era bem menor, claro, mas também porque em parte alguma se percebia qualquer esforço para que o lugar parecesse mais bonito ou mais agradável. A maioria das cidades tinha um lado da frente e um lado de trás, mas lá tudo parecia ser igual.

Comecei a folhear os dois livros que eu havia comprado na livraria próxima. Um se chamava *Det nye vannetog* e era escrito por Roy Jacobsen, um autor ainda desconhecido para mim, e o outro era *Sennepslegionen*, de Morten Jørgensen, que havia tocado em bandas que eu costumava acompanhar uns anos atrás. Talvez não tivesse sido muito inteligente gastar dinheiro com aquilo, mas afinal de contas eu queria ser escritor, ler era importante, especialmente para entender no que consistia a técnica. Será que eu conseguiria escrever daquele jeito?, eu me perguntava o tempo inteiro enquanto folheava as páginas.

Depois fui até o ônibus, fumei um último cigarro do lado de fora, guardei as malas no bagageiro, paguei o motorista e pedi que me avisasse quando

chegássemos a Håfjord, fui até o fundo e me sentei no penúltimo assento à esquerda, o meu lugar favorito desde sempre.

Do outro lado do corredor, na diagonal, estava uma garota bonita e loira, talvez um ou dois anos mais nova do que eu, no assento ao lado havia uma mochila e imaginei que ela talvez cursasse o colegial em Finnsnes e estivesse voltando para casa. Ela me viu quando entrei, e quando o motorista engatou a marcha e o ônibus começou a sacolejar ela se virou e olhou para mim mais uma vez. Não por muito tempo, foi bem rápido, um simples lance de olhos, mas assim mesmo bastou para me deixar de pau duro.

Peguei os fones de ouvido e coloquei uma fita no walkman. *The Smiths, The Queen is Dead*. Para não parecer insistente, me concentrei em olhar para fora da minha janela durante os primeiros quilômetros e resisti a todos os impulsos de olhar na direção dela.

Depois do centro passamos por um bairro que avançava por mais uns quilômetros e parecia um loteamento, onde mais ou menos a metade dos passageiros desceu, e então pegamos um trecho longo e deserto em linha reta. Enquanto o céu de Finnsnes era pálido e a cidade abaixo via-se banhada por aquela luz indiferente, naquele ponto a luz azul parecia mais intensa e mais profunda, e o sol acima das montanhas a sudoeste, cujas encostas baixas mas íngremes impediam a visão do mar que devia estar do outro lado, fazia o denso urzal avermelhado e quase lilás que crescia nos dois lados da estrada cintilar. As árvores que cresciam por lá eram na maioria pinheiros retorcidos e bétulas-anãs. No meu lado as montanhas verdejantes rumo às quais o vale subia tinham encostas suaves, que mais pareciam colinas, enquanto do outro lado tinham encostas íngremes, brutas e alpinas, mesmo que a altura fosse modesta.

Não se via nenhuma pessoa e nenhuma casa.

Mas eu não tinha ido tão longe para encontrar outras pessoas, eu tinha ido tão longe para escrever em paz.

Esse pensamento fez com que um arrepio de felicidade atravessasse todo o meu corpo.

Eu estava a caminho, eu estava a caminho!

Duas horas mais tarde, ainda envolto pela música, vi uma placa de trânsito mais à frente. Pelo comprimento do nome, concluí que devia ser Håfjord. O caminho apontado seguia reto em direção à montanha. Não se poderia

falar exatamente em um túnel, aquilo estava mais para um buraco, as paredes de rocha detonada não tinham recebido nenhum tratamento e tampouco havia luz lá dentro. A água escorria do teto em uma quantidade tão grande que o motorista ligou o limpavidros. Quando chegamos ao outro lado eu quase não acreditei. Em meio a duas cordilheiras longas e escarpadas, íngremes e estéreis, havia um pequeno fiorde, e mais além, como uma imensa planície azul, estendia-se o mar.

Ahhh!

O trajeto feito pelo ônibus acompanhava de perto a montanha. Para apreciar melhor a paisagem, me levantei e fui para o outro lado do ônibus. Com o rabo do olho percebi que a garota loira se virou em minha direção e sorriu ao me ver com o rosto colado no vidro. Abaixo das montanhas no outro lado havia uma pequena ilha com o interior repleto de casas e a orla deserta, ou pelo menos era o que se via àquela distância. Alguns barcos pesqueiros estavam amarrados em um pequeno porto no interior de um molhe. As montanhas continuavam por cerca de um quilômetro. Na parte mais central as encostas eram cobertas de vegetação, mas no exterior eram totalmente nuas e desciam a pique rumo ao mar.

O ônibus atravessou outro túnel que parecia uma gruta. Do outro lado, na encosta de um vale que parecia suave naquele cenário, ficava o vilarejo onde eu passaria o ano seguinte.

Meu Deus.

Aquilo era incrível!

A maioria das casas ficava ao redor de uma estrada em forma de U que serpenteava pelo vilarejo. Um pouco abaixo da estrada mais baixa havia uma construção de aspecto industrial junto a um cais, que devia ser o mercado de peixes, a julgar pela grande quantidade de barcos no lado de fora. No final do U se erguia uma capela. Um pouco acima da estrada mais alta havia uma fileira de casas, e mais atrás havia apenas urzes e arbustos e bétulas-anãs até o ponto em que o vale terminava, onde uma grande montanha se erguia nos dois lados.

Não havia mais nada.

Ou melhor: no lugar onde a estrada mais alta atravessava a estrada mais baixa, logo após a entrada do túnel, havia dois prédios grandes. Devia ser a escola.

— Håfjord! — o motorista anunciou lá na frente. Coloquei os fones de ouvido no bolso e comecei a caminhar, o motorista desceu os degraus comigo e abriu a porta do bagageiro, eu disse obrigado pela viagem, ele respondeu de nada sem abrir um sorriso, subiu outra vez e em seguida manobrou o ônibus e tornou a entrar no túnel.

Com uma mala em cada mão e o saco de marinheiro nas costas, olhei primeiro para cima, depois para baixo do terreno à procura do zelador enquanto eu enchia o pulmão com o ar fresco e salgado daquele lugar.

Na casa em frente ao ponto de ônibus uma porta se abriu. Lá de dentro saiu um homenzinho vestido apenas com uma camiseta e calça de malha. Pelo caminho que fez, compreendi que era o homem que eu procurava.

A não ser por uns resquícios de cabelo ao redor das orelhas, ele era totalmente calvo. O rosto tinha uma expressão suave, com traços marcantes de um homem na casa dos cinquenta anos, mas quando ele se aproximou notei que os olhos por trás dos óculos eram pequenos e penetrantes de uma maneira que não correspondia ao restante da figura.

— Knausgård? — ele perguntou, estendendo a mão sem me olhar nos olhos.

— Eu mesmo — respondi, apertando a mão dele. Era uma mão pequena, seca e meio animalesca. — E você deve ser Korneliussen?

— Correto — ele respondeu com um sorriso enquanto deixava os braços penderem ao lado do corpo e olhava para longe. — O que você me diz?

— A respeito de Håfjord? — perguntei.

— Você gostou do lugar? — ele disse.

— É incrível — respondi.

Korneliussen se virou e apontou para a parte mais alta do terreno.

— É lá que você vai morar — ele disse. — Vamos ser vizinhos. Eu moro bem ali, está vendo? Vamos subir e dar uma olhada?

— Vamos — eu disse. — Você sabe se as minhas coisas já chegaram?

Ele balançou a cabeça.

— Não que eu saiba — disse.

— Então devem chegar na segunda-feira — eu disse enquanto começava a subir a estradinha ao lado dele.

— Pelo que entendi, o meu filho mais novo vai ser aluno seu — ele disse. — O Stig. Ele está na quarta série.

— Você tem mais filhos, então? — eu disse.

— Quatro no total — Korneliussen respondeu. — Dois ainda moram em casa. O Johannes e o Stig. A Tone e o Ruben moram em Tromsø.

Olhei para o vilarejo enquanto caminhávamos. Vultos se erguiam em frente àquilo que devia ser uma loja, onde também havia dois carros estacionados. E no lado de fora de uma tenda, na estrada mais alta, estavam pessoas com bicicletas.

Um barco a uma grande distância se aproximava lentamente do fiorde.

As gaivotas gritavam no porto.

No mais tudo estava em silêncio.

— Quantas pessoas moram aqui? — eu perguntei.

— Umas duzentas e cinquenta — ele disse. — Depende se você conta as crianças que vão à escola ou não.

Paramos em frente a uma casa de madeira da década de 1970, junto à porta do térreo, que ficava atrás de um vestíbulo.

— Aqui está — ele disse. — Pode entrar. A porta deve estar aberta. Mas eu já posso entregar a chave para você agora mesmo.

Abri a porta, entrei no corredor, larguei as malas no chão e peguei a chave que ele tinha me alcançado. O interior tinha o cheiro das casas que passam um tempo desabitadas. Um leve odor de umidade e mofo, que por pouco não remetia a um ambiente a céu aberto.

Empurrei a porta entreaberta e cheguei à sala. O chão era coberto por um tapete cor de laranja. Havia também uma escrivaninha marrom-escura, uma mesa de jantar marrom-escura e um pequeno conjunto de sofá e poltronas de madeira escura com estofamento marrom e laranja. Duas janelas grandes voltadas para o norte.

— Parece muito agradável — eu disse.

— A cozinha fica ali — disse Korneliussen, apontando para uma porta no fim da pequena sala. Em seguida ele se virou. — E o quarto ali.

O tapete da cozinha tinha uma clássica estampa amarela, marrom e branca da década de 1970. Uma mesa pequena ao lado da janela. Uma geladeira com um congelador na parte de cima. Uma pia com um pequeno balcão da Respatex. Assoalho de linóleo cinza.

— E por último o quarto — disse Korneliussen. Ele ficou na porta quando entrei. O tapete do chão era mais escuro que o da sala, o papel de parede era

claro e a peça estava totalmente vazia, a não ser por uma cama baixa e muito larga feita do mesmo material que os outros móveis. Teca, ou imitação de teca.

— Perfeito! — eu disse.

— Você tem roupas de cama?

Balancei a cabeça.

— Estão vindo com a mudança.

— Você pode pegar um jogo emprestado, se quiser.

— Seria ótimo — eu disse.

— Já vou trazer, então — ele disse. — E se você tiver qualquer dúvida, qualquer dúvida mesmo, é só bater na minha porta. Por aqui não temos medo de visitas!

— Certo — eu disse. — Obrigado!

De uma das janelas da sala eu segui Korneliussen com o olhar enquanto ele descia o terreno em direção à casa dele, que ficava a uns vinte metros da minha.

Minha!

Eu tinha a minha própria casa!

Andei de um lado para o outro lá dentro, abri umas gavetas e espiei dentro de uns armários até que o zelador voltasse com uma pilha de roupas de cama nos braços. Quando ele foi embora, comecei a organizar as poucas coisas que eu havia levado comigo. Minhas roupas, uma toalha, a máquina de escrever, alguns livros, um maço de folhas de ofício. Arrastei a escrivaninha para junto de uma das janelas da sala, coloquei a máquina de escrever em cima, afastei a luminária de pedestal e organizei meus livros no parapeito, junto com um exemplar do periódico literário *Vinduet*, que eu tinha comprado em Oslo e decidido assinar. Ao lado empilhei as quinze ou vinte fitas cassete que eu havia levado comigo, e ao lado do maço de papel em cima da mesa coloquei o meu walkman e pilhas sobressalentes.

Quando terminei de arrumar a escrivaninha, guardei minhas roupas nos armários do quarto, enfiei as malas vazias na prateleira mais alta e depois fiquei parado no meio do quarto sem saber o que fazer.

Tive vontade de telefonar para alguém, mas não havia telefone na casa. Será que eu devia sair e procurar um telefone público?

Eu também estava com fome.

O que seria aquela tenda que parecia uma lanchonete? Será que eu devia ir até lá?

Não havia nada a fazer em casa.

Em frente ao espelho do pequeno banheiro no corredor deixei a minha boina preta. Já do lado de fora da casa, parei durante alguns instantes e olhei para baixo. Bastava correr os olhos para ver o vilarejo inteiro e todo mundo que morava nele. Não havia muito onde se esconder. Quando fui até a estrada, que na parte mais alta era de cascalho, e na mais baixa de asfalto, eu me senti transparente.

Um grupo de garotos por volta dos quinze anos estava reunido em frente à lanchonete. A conversa foi interrompida assim que cheguei. Passei sem olhar para eles, subi a escada que levava à plataforma que fazia as vezes de terraço e me aproximei do guichê, que reluzia com um intenso brilho amarelado na claridade noturna do fim de verão. A janela estava quase grudada de tanta gordura. Um garoto na mesma faixa etária dos outros apareceu e abriu o guichê. Dois ou três fios pretos cresciam no queixo dele. Os olhos eram castanhos, os cabelos eram pretos.

— Um hambúrguer com fritas e uma Coca-Cola — pedi. Ouvi com atenção para ver se os cochichos mais atrás diziam respeito a mim. Mas não. Acendi um cigarro e andei de um lado para o outro na plataforma enquanto esperava. O garoto baixou o instrumento em formato de rede cheio de palitos de batata para dentro do óleo fervente. Largou um hambúrguer na chapa. A não ser pelos sussurros das vozes cheias de entusiasmo às minhas costas, tudo estava em silêncio. As luzes estavam acesas nas casas da ilha para além do fiorde. As nuvens estavam baixas acima da ilha, porém mais altas acima do mar, fechadas e meio cinzentas, mas não chegavam a ser nuvens escuras.

O silêncio não era opressor, era aberto.

Mas não aberto para nós, pensei por um motivo qualquer. O silêncio sempre tinha sido daquela forma naquele lugar, muito antes de existirem as pessoas, e continuaria a ser o mesmo depois que todos houvessem desaparecido. Um silêncio que repousa naquele berço de montanhas em frente ao mar.

Onde será que acabava? Nos Estados Unidos?

É, devia ser. Em Newfoundland.

— Aqui está — disse o garoto enquanto colocava uma bandeja de isopor com um hambúrguer, algumas tiras de alface, um quarto de tomate e um montinho de batatas fritas na prateleira do lado de fora do guichê. Paguei, peguei a bandeja e me virei para ir embora.

— É você o novo professor? — perguntou um dos garotos, debruçado por cima do guidom da bicicleta.

— Sou — respondi.

— Nós vamos ser seus alunos — ele disse, e então cuspiu e afastou o boné dos olhos.

— Estamos no nono ano. E ele está no oitavo.

— É mesmo? — eu disse.

— É — ele respondeu. — Você é do sul?

— Sou — eu disse. — De Sørlandet.

— Muito bem — ele disse, acenando a cabeça como se eu estivesse numa entrevista e aquele fosse o sinal de que eu estava dispensado.

— Como vocês se chamam? — perguntei.

— Logo você vai saber — ele respondeu.

Todos riram. Sorri como se aquilo não fosse nada, porém me senti estúpido quando os deixei para trás. Aquele garoto tinha me vencido.

— Como você se chama? — ele gritou às minhas costas.

Eu virei o rosto sem interromper minha caminhada.

— Mickey — eu disse. — Mickey Mouse.

— Vejam só, o novo professor também é comediante! — ele gritou.

Depois de comer o hambúrguer, tirei a roupa e me deitei. Não eram mais de nove horas, o quarto brilhava como no meio de um dia encoberto e o silêncio que pairava sobre tudo amplificava os ruídos de cada movimento, então mesmo que eu estivesse cansado levei horas para adormecer.

Despertei no meio da noite com ruídos de passos e de uma porta. Pouco depois os passos foram para o andar de cima. Ainda meio dormindo, tive a impressão de estar deitado no escritório do meu pai, na casa em Tybakken, e de que era ele quem caminhava no andar de cima. Como eu tinha acabado naquela situação?, pensei antes que meus pensamentos desaparecessem mais uma vez em meio ao escuro. Quando acordei outra vez eu estava em pânico.

Que lugar era aquele?

A casa em Tybakken? A casa em Tveit? O estúdio de Yngve? O albergue da juventude em Tromsø?

Me sentei na cama.

Corri o olhar pelo quarto sem me ater a nada, porque nada do que eu via fazia sentido. Era como se todo o meu ser tivesse escorregado por uma parede lisa.

De repente me ocorreu.

Håfjord, eu estava em Håfjord.

Na minha própria casa em Håfjord.

Me deitei mais uma vez e refiz a viagem nos meus pensamentos. Então imaginei o vilarejo que se estendia do outro lado da janela, todas as pessoas em todas as casas que eu não conhecia e que não me conheciam. Um sentimento que podia ser expectativa, mas também medo ou insegurança, surgiu dentro de mim. Me levantei e fui até o minúsculo banheiro, tomei uma chuveirada e vesti minha camisa verde que parecia de seda, a calça de algodão larga e preta, me postei em frente à janela e passei um tempo olhando para a loja, onde eu ainda tinha que comprar comida para o café da manhã, mas não naquele exato momento.

Umas quantas vagas do estacionamento estavam ocupadas. Havia um pequeno grupo de pessoas reunidas entre os carros. De vez em quando alguém saía com sacolas de compras nas mãos.

Talvez não fosse má ideia aproveitar o momento.

Fui até o corredor e vesti o sobretudo, coloquei a boina e calcei os tênis de basquete, me olhei depressa no espelho, ajeitei a boina, acendi um cigarro e saí.

O céu estava suave e cinzento como no dia anterior. Do outro lado a encosta das montanhas despencava rumo ao fiorde. Havia um elemento brutal naquele cenário, percebi com um simples relance de olhos, as montanhas não tinham a menor consideração, qualquer coisa podia estar ao redor delas e mesmo assim não significaria nada, era como se elas estivessem em outro lugar ao mesmo tempo que estavam lá.

Cinco pessoas estavam no estacionamento. Duas eram mais velhas, tinham pelo menos cinquenta anos, e as outras três pareciam ser um pouco mais velhas do que eu.

Com certeza me viram de longe, eu tinha certeza, não havia como evitar, afinal não devia ser comum que uma figura estranha de sobretudo preto aparecesse descendo a encosta.

Levei o cigarro à boca e dei uma tragada funda a ponto de aquecer o filtro.

Havia duas bandeiras de plástico branco com o logotipo do *Verdens Gang* nas laterais da porta. A vitrine estava cheia de placas de papelão verde e laranja com diversas ofertas escritas à mão.

Eu estava a quinze metros daquelas pessoas.

Será que eu devia cumprimentá-las? Dar um “Olá” decente e bem-educado?

Será que eu devia parar e puxar assunto?

Dizer que eu era o novo professor, fazer um pouco de graça?

Um dos vultos olhou para mim. Fiz um discreto aceno de cabeça.

O vulto não respondeu.

Será que não tinha percebido? Será que o meu aceno tinha sido tão discreto a ponto de parecer um simples ajuste de posição da cabeça, ou um pequeno espasmo?

A presença daquelas pessoas era para mim como uma série de punhala-das. A um metro da porta eu joguei meu cigarro no chão, parei e o amassei com o pé.

Será que eu podia deixá-lo ali mesmo? Será que pegaria mal? Ou será que eu devia juntá-lo?

Não, assim eu daria uma impressão meio *pedante*, não?

Putá que pariu, no fim eu simplesmente deixei o cigarro no chão, aquele era um vilarejo de pescadores que com certeza jogavam a merda do cigarro no chão quando terminavam de fumar!

Coloquei a mão na porta e a empurrei, peguei uma das cestinhas vermelhas e comecei a caminhar pelo corredor em meio aos diferentes produtos. Uma mulher rechonchuda de uns trinta e cinco anos com um pacote de salsichas na mão disse qualquer coisa a uma menina que provavelmente era filha dela. Magra e longilínea, a menina tinha uma expressão contrariada e azeda no rosto. Do outro lado da mulher estava um menino de talvez dez anos que remexia os itens em cima do balcão. Coloquei na minha cesta um pão integral, um pacote de café Ali e uma caixa de chá Earl Grey. A mulher me encarou, pôs o pacote de salsichas na cesta e depois caminhou até a outra ponta do corredor com a menina e o menino atrás. Levei um bom tempo andando de um lado para o outro e examinando as coisas vendidas naquele lugar, peguei da prateleira refrigerada um pacote de queijo marrom, uma lata de patê de fígado e uma bisnaga de maionese. Depois peguei uma caixa de

leite e um pote de margarina e fui até o caixa, onde a mulher estava guardando os produtos numa sacola enquanto a filha dela lia o quadro de anúncios junto à porta.

O funcionário do caixa me cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Olá — eu disse, e então comecei a tirar minhas compras da cesta.

Ele era pequeno e robusto, tinha o rosto largo e nariz aquilino, e o queixo de traços fortes estava coberto por um tapete de fios pretos e cinzentos da barba de dois ou três dias.

— Você por acaso é o novo professor? — ele perguntou enquanto teclava os preços na máquina registradora. Do quadro de anúncios a garota se virou e olhou para mim.

— Sou — eu disse. — Cheguei ontem.

O menino segurou o braço da garota, mas ela o puxou com força e saiu pela porta. O menino foi atrás, e logo depois a mãe os seguiu.

Eu também precisava de laranjas. E de maçãs.

Fui depressa até a prateleira das frutas, joguei umas laranjas dentro de um saco, peguei duas maçãs e voltei ao caixa, onde o funcionário estava teclando o preço do último item.

— Também vou levar um pacote de tabaco Eventyr Blanding e papel de seda. E um *Dagbladet*.

— Você é do sul? — ele me perguntou.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

— De Kristiansand — completei.

Um homem mais velho e de boina entrou pela porta.

— Bom dia, Bertil! — ele cumprimentou o caixa.

— Não acredito! — disse o caixa, piscando o olho para mim. Abri um sorriso discreto, paguei, coloquei minhas compras numa sacola e saí. Um dos vultos que estava ao lado me fez um aceno de cabeça, eu acenei de volta e logo estava fora do alcance deles.

No alto do morro olhei para a montanha que se erguia no final do vilarejo. A montanha era totalmente verde durante toda a subida, e talvez aquele fosse o detalhe mais surpreendente de todo o cenário, eu tinha esperado um lugar humilde e desprovido de cores, não com matizes de um verde que dava a impressão de cantar por toda parte, relativizado somente pela imensidão azul e cinza do mar.